

**CARAMBAIA**

---

**Vladimir  
Korolenko**

---

**Em má  
companhia**

Memórias de infância  
de um amigo

---

Tradução  
**Klara Gourianova**

---

Posfácio  
**Elena Vássina**

I. RUÍNAS	7
II. NATUREZAS PROBLEMÁTICAS	18
III. MEU PAI E EU	38
IV. FAÇO NOVAS AMIZADES	46
V. A AMIZADE CONTINUA	57
VI. ENTRE AS PEDRAS CINZENTAS	64
VII. SENHOR TIBÚRTSI ENTRA EM CENA	71
VIII. NO OUTONO	82
IX. A BONECA	90
FINAL	101
POSFÁCIO	103
<i>Elena Vássina</i>	

## I. RUÍNAS

Minha mãe morreu quando eu tinha 6 anos. Meu pai, entregue por completo ao seu sofrimento, parecia ter se esquecido da minha existência. Às vezes, ele dava carinho, à sua maneira, e cuidava da minha irmã mais nova porque via nela os traços da mãe. E eu crescia como uma arvorezinha silvestre no campo. Ninguém me dedicava uma atenção especial e ninguém limitava minha liberdade.

O lugarejo onde morávamos chamava-se Kniájie-Veno, ou simplesmente cidadezinha Kniáj. Ele pertencia a uma decadente, mas orgulhosa, família polonesa e tinha todos os traços típicos dos pequenos vilarejos da região sudoeste, onde, em meio ao fluxo silencioso dos trabalhos pesados e ao pequeno e asoberbado comércio judaico, o que restava da arrogante magnitude da senhoria polonesa passava seus últimos e tristes dias.

Para quem se aproximava do lugarejo pelo lado oriental, o que primeiro saltava à vista era o cárcere, o melhor adorno arquitetônico do local. A própria cidade estendia-se abaixo dele, pelo solo cheio de açudes soníferos, bolorentos, e para chegar até ela era preciso descer pela estrada e passar pelo tradicional posto de fronteira. O aleijado sonolento, uma figura desbotada pelo sol, personificação do sono

plácido, erguia preguiçosamente a cancela e então já se estava na cidade, embora não fosse possível perceber imediatamente. Cercas cinzentas, terrenos baldios, cheios de todo tipo de lixo, alternavam-se com casebres de janelas pequenas afundados no solo. Mais à frente, abria-se uma praça grande cercada de pousadas mantidas por judeus com portões escancarados, casas comerciais e escritórios públicos entediantes com suas paredes brancas e linhas retas de casernas. Uma ponte de madeira atravessava um riacho estreito, gemendo e tremendo com a passagem das rodas, bamboleando como um velho caduco. A ponte conduzia à rua das vendas, bancas e mesas de cambistas judeus, sentados na calçada debaixo de guarda-chuvas, e às tendas das vendedoras de pães. Mau cheiro, sujeira e um monte de crianças se arrastando na poeira da rua. Mais um minuto e já se saía da cidade. As bétulas sussurravam sobre os túmulos do cemitério, o vento agitava o campo de trigo e fazia os fios do telégrafo soarem como uma triste e interminável canção.

O riacho, atravessado por essa ponte, nascia num açude e desembocava em outro. Por isso a cidade estava cercada de espelhos d'água e de pântanos. Com o passar dos anos, os açudes tinham baixado de nível e ficaram cobertos pela vegetação, e o espesso e alto juncal nos enormes pântanos agitava-se como

se fosse o mar. No centro de um deles, havia uma ilha, e, na ilha, um castelo velho, em ruínas.

Lembro com que medo eu sempre olhava para essa grandiosa e antiga construção. A respeito dela circulavam lendas e contos, um mais apavorante que o outro. Diziam que a ilha era artificial, feita de terra carregada por turcos cativos. “Esse velho castelo foi construído sobre ossos humanos” – contavam os nativos de geração em geração, e a minha imaginação de criança assustada desenhava-me milhares de esqueletos turcos que, debaixo da terra, sustentavam nos braços ossudos essa ilha e o velho castelo cercado de altos álamos piramidais. É claro que isso fazia o castelo parecer ainda mais assustador e, mesmo em dias de sol, encorajados pela luz e pelo canto forte dos pássaros, nos aproximávamos do castelo que com frequência nos causava um terrível pânico, de tão assustador que era o olhar negro das ruínas das suas janelas destruídas havia muito tempo; nas salas vazias ouvia-se um rumor misterioso: pedrinhas e pedaços do reboco que se descolavam do teto e das paredes e caíam no chão produziam um eco retumbante. Assustados, corríamos em disparada, e, atrás de nós, um alvoroço, um tropel, gargalhadas.

E nas tempestuosas noites de outono, quando os gigantescos álamos balançavam e uivavam ao vento que vinha dos açudes, o pavor espalhava-se por toda

a cidade. “*Oi-vei-mir!*”<sup>1</sup> – pronunciavam amedrontados os judeus; as piedosas pequeno-burguesas per-signavam-se e até mesmo o ferreiro, nosso vizinho, que negava a existência da força diabólica, saía para seu pequeno pátio, fazia o sinal da cruz e sussurrava a prece pela alma dos finados.

Ianuch, o velho de barba grisalha, não tinha moradia e se abrigou num dos sótãos do castelo. Ele nos contava que, nessas noites, ouvia várias vezes gritos inconfundíveis vindos do subsolo da ilha. E que eram os turcos que começavam a se mexer, batiam com os seus ossos e amaldiçoavam os senhores pela crueldade. Então, nas salas do velho castelo e fora dele começavam a brandir as armas, e os senhores chamavam aos gritos os heidduques. Ianuch ouviu com clareza o brandir das armas e as palavras de comando, apesar do barulho e do uivo da tempestade. Uma vez, ouviu até como o bisavô dos condes de hoje, famoso para todo o sempre por suas façanhas sangrentas, adentrou o centro da ilha montado em seu cavalo, batendo cascos e gritou, xingando os turcos: “Fiquem quietos aí, seus cachorros vagabundos<sup>2</sup>!”.

---

1 “Oh, desgraça minha!”, em iídiche. [NOTA DO AUTOR]

2 Xingamento polonês dirigido àqueles que não eram católicos romanos. [N.A.]

Já faz muito tempo que os descendentes desse conde abandonaram o castelo dos ancestrais. A maior parte dos ducados e de todo tipo de tesouro que enchia as arcas dos condes passou para lá da ponte, para as choupanas dos judeus, e os últimos representantes da nobre família construíram para si um prosaico prédio branco numa montanha, longe da cidade. Lá passavam uma existência tediosa e mesmo assim solene, em seu isolamento sublime e desdenhoso.

Somente o velho conde, ele também uma ruína sinistra como o castelo na ilha, aparecia de vez em quando na cidade, montado em seu rocinante inglês, acompanhado da sua filha, esbelta e majestosa, de amazona preta, e seguido pelo cavaliariço, chefe da estrebaria. O destino da condessa era ficar solteira para o resto da vida. Os nobres, dignos dela por sua origem, venderam a judeus ou abandonaram covardemente seus castelos para serem demolidos e se dispersaram pelo mundo para correr atrás do dinheiro das filhas de mercadores. E, na cidadezinha em volta do castelo da condessa, não havia rapazes que tivessem coragem de levantar os olhos para a nobre beldade. Ao ver essas três figuras a cavalo, nós, a criançada, como um bando de passarinhos, levantávamos voo da calçada, dispersando-nos pelos pátios, e seguíamos os sombrios donos do temível castelo com olhares assustados e curiosos.

Na montanha da parte oeste da cidade, entre as cruzes apodrecidas e os túmulos arruinados, existia uma capela de uniatas, abandonada havia muito tempo. Era cria da pequena burguesia da cidade. Outrora, ao ouvir o badalar festivo dos sinos, os habitantes, bem-arrumados embora sem luxo, reuniam-se ali, com suas bengalas, em vez dos sabres que brandiam nas mãos da pequena nobreza vinda também dos sítios e das granjas dos arredores, respondendo ao chamado dos sinos.

Da montanha viam-se a ilha e seus enormes álamos negros, mas o bravo e arrogante castelo ocultava-se da vista da capela graças à vegetação espessa. Somente naqueles momentos, quando o vento forte vinha dos juncos e atacava a ilha, os álamos balançavam e, atrás deles, via-se o brilho das janelas e parecia que o castelo lançava para a capela os seus sombrios olhares. Agora, tanto o castelo como a capela transformaram-se em cadáveres. Os olhos do castelo se apagaram. Já não lançavam o reflexo dos raios do sol da tarde; o teto da capela afundara em alguns lugares, o estuque das paredes ruíra e, em vez do repique alto do sino de cobre, corujas entoavam seus maus agouros.

Mas a inimizade antiga, histórica, que separava o orgulhoso e nobre castelo da capela pequeno-burguesa prosseguia, mesmo depois da morte de ambos:

ela era alimentada pelos vermes que se mexiam nos seus cadáveres, ocupando os cantos e os sótãos que continuavam inteiros. Esses vermes tumulares dos edifícios mortos eram pessoas.

Existiu um tempo em que o castelo servia de abrigo gratuito para qualquer miserável, sem nenhuma restrição. Qualquer um que não encontrasse para si um lugar na cidade, qualquer ser humano cuja vida saía dos trilhos ou que por algum motivo perdia a possibilidade de pagar ao menos uns tostões por um canto para pernoitar ou se abrigar da intempérie – todos iam para a ilha e lá, entre as ruínas, encontravam um lugar para encostar sua pobre cabeça, pagando a hospitalidade apenas com o risco de ser enterrado debaixo dos montes de escombros antigos. “Mora no castelo” tornou-se sinônimo do grau extremo de pobreza e de decadência social. O velho castelo recebia cordialmente gente sem eira nem beira, um escrivão empobrecido, vagabundos e velhinhas solitárias. Toda essa gente dilacerava as entranhas do edifício decrépito, quebrando as paredes, o chão, acendendo fogueiras para cozinhar e se alimentar com alguma coisa, e fazendo suas necessidades.

Mas chegou o tempo em que essa comunidade, que se abrigava nas ruínas, cindiu-se, e começaram as brigas. Então, o velho Ianuch, outrora um dos funcionários inferiores dos condes, conseguiu obter uma

espécie de carta de domínio e tomou as rédeas da direção nas suas mãos. Começou a fazer reformas e, durante alguns dias, houve tanto barulho no castelo, ouviam-se berros e brados tão assustadores que se poderia pensar que os turcos tivessem saído das celas subterrâneas para se vingar de seus exploradores. Acontece que Ianuch selecionava os habitantes das ruínas, separando os bodes das ovelhas. As ovelhas ficaram no castelo e ajudavam Ianuch a expulsar os pobres bodes, que resistiam em vão a unhas e dentes. Quando, com a ajuda silenciosa, mas fundamental, do guarda-porteiro, a ordem na ilha foi finalmente restabelecida, verificou-se que a reviravolta tinha um caráter aristocrático. Ianuch deixou no castelo somente os “bons cristãos”, isto é, os católicos e, principalmente, os antigos criados ou descendentes dos criados da família dos condes. Todos eles eram velhos e vestiam casacos gastos, tinham enormes narizes vermelhos e se apoiavam em paus nodosos. As velhas eram feias, falavam muito alto, mas mesmo no último grau de miséria conseguiam conservar suas toucas e suas capas. Todos eles formavam um grupo aristocrático homogêneo e muito unido, como que um monopólio de miseráveis reconhecido. Nos dias de semana, esses velhos e velhas andavam pela cidade, batendo nas portas de casas de gente de abastança média e alta, lendo preces,

espalhando fofocas, lamentando-se do seu destino e mendigando aos prantos. Mas, aos domingos, eles faziam parte daquele público honrado que formava longas filas perto das igrejas e, com ar majestoso, recebia doações em nome de “senhor Jesus Cristo” e de “senhora Nossa Senhora”.

Atraídos pelo barulho e pelos gritos que chegavam do castelo nos dias daquela revolução, alguns dos meus companheiros e eu penetrávamos na ilha e, escondendo-nos atrás dos troncos grossos das árvores, observávamos como Ianuch, comandando o exército de velhos de nariz vermelho e de megeras disformes, expulsava do castelo os últimos moradores indesejáveis. Anoitecia. Da nuvem escura sobre os álamos altos já começava a cair a chuva. Uns infelizes esfarrapados procuravam se proteger dela e, assustados e perdidos, vagavam num vaivém, como toupeiras expulsas das suas tocas, procurando alguma fenda para penetrar no castelo sem serem notados. Mas Ianuch e as megeras, gritando e xingando os coitados, ameaçavam afugentá-los com paus e atizadores. O guarda-porteira, também armado com um pesado porrete, observava tudo calado, mantendo a neutralidade, simpatizando, pelo visto, com a turma vencedora. E as lamentáveis figuras cabisbaixas acabavam indo para a ponte, deixando a ilha para sempre e sumindo na escuridão dentro da noite chuvosa.